

Televisão: impactos no ser e pensar

Television: impacts on being and thinking

DOI:10.34117/bjdv7n4-095

Recebimento dos originais: 07/03/2021

Aceitação para publicação: 01/04/2021

Rosângela Trabuco Malvestio da Silva

Doutorado em Educação

Instituição: Universidade Estadual do Paraná - Unespar

Endereço: R. Odete Ribaroli G. Castro, 227 - Jdm Liberdade cep 87-47 170 Maringá - PR

E-mail: rosetms2000@yahoo.com.br

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar a espécie de pensamento facultada por um determinado programa televisionado. Tal atividade se justifica uma vez que, como se pode depreender dos escritos de Adorno (1990), Horkheimer (1991) e Marcuse (1967), o homem contemporâneo, mais que em qualquer outra sociedade, tem a sua consciência moldada pela Indústria Cultural. É uma pesquisa bibliográfica com a metodologia qualitativa, e em um primeiro momento destaca os aspectos (de) formativos dos programas televisivos, discorrendo sobre a linguagem (e nela a mediação social), bem como as imagens, que sob o prisma da Teoria Histórico-Cultural, impactam a formação do pensamento infantil. Na sequência, realiza a análise de um programa televisivo infantil, considerando algumas categorias elencadas. Por fim enfatiza a importância dos educadores terem um referencial teórico que dê a entender os ditames mercadológicos bem como os aspectos (de) formativos que permeiam os programas televisivos, para uma educação que possibilite aos alunos elevarem seu pensamento à níveis mais elaborados, alcançando independência dos ditames mercadológicos.

Palavras-Chave: Televisão, Indústria Cultural, Formação; Educação.

ABSTRACT

This study aims to analyze the kind of thinking provided by a given televised program. Such an activity is justified since, as can be seen from the writings of Adorno (1990), Horkheimer (1991) and Marcuse (1967), contemporary man, more than in any other society, has his conscience shaped by the Cultural Industry. It is a bibliographic research with qualitative methodology, and at first it highlights the (de) formative aspects of television programs, discussing the language (and social mediation in it), as well as the images, which under prism of Historical- Theory Cultural, impact the formations of children's thinking. Then, it performs the analysis of a children's television program, considering some categories listed. Finally, it emphasizes the importance of educators having a theoretical framework that gives an understanding of the marketing dictates as well as the (de) formative aspects that permeate television programs, for an education that allows students to raise their thinking to more elaborate levels, achieving independence from market dictates.

Keywords: Television, Cultural Industry, Formation, Education.

1 INTRODUÇÃO

A televisão é um dos meios de comunicação de maior alcance na sociedade atual, e percebe-se que os conceitos, valores e comportamentos propalados por sua programação, orientam o pensamento com uma força há algumas décadas inimaginável. O pensamento, assim constituído, não consegue elevar-se a níveis mais elaborados, nem alcançar sua independência, o que pressupõe, quando menos, compreensão e domínio dos determinantes externos.

Nessa linha de raciocínio, o objetivo da análise que se segue é examinar num programa infantil televisionado, alguns aspectos tidos por Vygotsky (2000), Luria (1986), Rubinstein (1973) e Gorski (1966) como essenciais para a formação do pensamento, quais sejam: a mediação social e, nela, a linguagem e os conceitos. Buscar-se-á verificar como a linguagem e as imagens veiculadas no programa televisivo influenciam o desenvolvimento do pensamento, bem como que tipo de pensamento tal programação promove. A metodologia utilizada é a pesquisa qualitativa, e o referencial que embasa esta análise são os autores da Teoria Histórico-Cultural que destacam que o pensamento humano parte de uma base material objetiva e não pode ser isolado da teia de relações sociais em que o homem vive. De outro lado, os clássicos da Escola de Frankfurt orientam na compreensão das condições objetivo/subjetivas de desenvolvimento na sociedade contemporânea, principalmente no que diz respeito à cultura mercantil e suas conseqüências sociais. Nesse sentido, analisou-se um programa televisivo infantil, de um canal de televisão aberto e percebeu-se que os conteúdos veiculados pela televisão e outros meios de comunicação, como rádio, computador, internet e vídeo game, exercem uma influência muito grande na formação do pensamento, sobretudo durante a infância, contribuindo para a formatação e, por conseguinte, para o atrofiamento de potencialidades psíquicas.

No caso específico do programa analisado, após as categorias elencadas, a linguagem (e nela a mediação social), bem como as imagens, depreende-se que direcionam o pensamento do espectador para o lado da semiformação, seguindo o estabelecido pela Indústria Cultural.

2 A TELEVISÃO: CONTEXTUALIZANDO O PROBLEMA

O advento da televisão acentua significativamente um processo de fragmentação das imagens, que se iniciou com a divisão científica do trabalho. As imagens referentes aos problemas sociais mais comuns são exibidas, mas, antes, são filtradas, de modo que

o espectador conviva o mais naturalmente possível com a miséria, a violência, a guerra, dentre outros fatos deprimentes. Por esse motivo, geram perda da dimensão simbólica dos conteúdos. Há programas¹ que mostram pessoas em estado de miséria com o intuito aparente de ajudá-las a ter uma vida melhor. Pedem a colaboração do público, expõem as pessoas, fazendo do estado de miséria um espetáculo, quando a intenção é a de ganhar audiência, passando a ideia de ser um programa preocupado e ocupado com as causas sociais.

É preciso considerar que a televisão é fruto da sociedade industrial. Sendo assim, é produzida segundo a lógica da cultura mercantil, razão pela qual não faz sentido analisá-la apenas em seus aspectos técnicos ou artísticos. Há que se apreendê-la no contexto político-econômico e, portanto, social em que está inserida. É certo que as mudanças acarretadas pela disseminação e pelo uso dos meios de comunicação implicam, diretamente, na formação das funções psicológicas superiores, em especial no que tange ao pensamento. Os indivíduos são compelidos a adequar a atenção, a memória e a capacidade de concentração ao ritmo das cenas e da linguagem que estão sendo transmitidas. Em geral, a linguagem é veiculada de modo fragmentado, organizada em blocos de informações – acompanhadas de imagens – rápidos e desconexos, de forma que fica difícil para o telespectador estabelecer relações, deduzir para além do dado. A linguagem é apresentada de maneira que as massas se identifiquem com ela e, nessa medida, a interiorizem sem maiores resistências. Linguagem e imagens estão carregadas de comportamentos a serem imitados, o que dificulta outras formas de pensar para além daquelas previamente estipuladas. Nesse contexto, não são apenas contempladas, são absorvidas.

Essa ambiência sócio-cultural tem reflexos diretos na formação da criança. Acostumada a assistir à televisão sem o acompanhamento de adultos, sobretudo programas infantis – considerados inocentes –, termina por absorver, por meio da linguagem e das imagens, uma grande quantidade de informações. Dos conteúdos veiculados, são poucos os que, efetivamente, contribuem para a formação de capacidades mais complexas do pensamento analítico. É preciso levar em conta que os enredos de programas televisionados passam aos expectadores apenas uma parte da realidade, a que convém ao continuísmo do modo de viver e de ser capitalista. Consumida à luz das

1 Como Domingo Legal, exibido aos domingos, pela emissora SBT, que apela para o sentimentalismo da população, explorando o sofrimento e a miséria alheia. Tais programas nunca mostram as verdadeiras causas da miséria e da pobreza, às quais a maioria da população está submetida.

relações sociais mercantilistas, a técnica, ao invés de gerar esclarecimento, cria obstáculos à formação do indivíduo, da consciência autônoma (MARCUSE, 1997).

Dos estudos feitos por Lev Semenovich Vygotsky (2000)², depreende-se que a linguagem é o principal fator responsável pela mediação entre o social e o individual. Por meio dela são guardados e transmitidos conhecimentos e experiências de uma geração a outra. A linguagem constitui-se, assim, na base imprescindível para o desenvolvimento das capacidades psíquicas, em especial do pensamento, nos novos membros da espécie. A depender da qualidade das mediações e do conhecimento que as fundamenta, o homem pode alcançar níveis mais elaborados de pensamento.

No entanto, do mesmo modo que o conjunto de signos e significados lingüísticos forma, ele também pode deformar as capacidades psicológicas. A linguagem disseminada pelos meios de comunicação tem transmitido estereótipos de conduta, valores, hábitos que atuam na consciência, impedindo o pleno desenvolvimento conceitual. Conseqüentemente, o pensamento vai se tornando cada vez mais abreviado, funcionalizado e unidimensionalizado. Nessa linha de raciocínio, a linguagem tomada como um dos principais instrumentos da cultura mercantil para disseminar comportamentos padronizados. Aliadas à linguagem, as imagens precisam ser examinadas com cautela, posto que contribuem para a fragmentação e alienação das capacidades psíquicas. Por serem rápidas e recortadas sob uma determinada ótica, estimulam a atenção e a memória seletivas, que se fixam em determinados aspectos das programações, acomodando os sentidos ao invés de proporcionar-lhes o desenvolvimento.

A televisão une linguagem e imagem em movimento, transmitindo cenários prontos e acabados, reduzindo o imaginário, as possibilidades do entendimento, pois fecha as mensagens nos ângulos que lhe convém. O espectador, ao assistir a televisão, não precisa fazer abstrações elaboradas para imaginar locais ou situações como ao ler um livro ou ouvir o rádio. Ele precisa, apenas, decodificar as mensagens, seguindo orientações implícitas na própria programação. Essa atividade intelectual, o esforço para unir o verbal e o visual, exige e, portanto, promove a atenção. Porém, trata-se de um

2 L. S. Vygotsky, juntamente com A. R. Luria e A. N. Leontiev desenvolveram, na década de 30, estudos sobre a psicologia na União Soviética, buscando, no materialismo dialético, uma saída para o conflito entre as concepções idealista e mecanicista. Sua teoria sobre a relação entre pensamento e linguagem, a natureza do processo de desenvolvimento psíquico e o papel do ensino, da educação escolar, nesse mesmo processo, foi ignorada por anos no Ocidente (VYGOTSKY, 1988).

determinado tipo de atenção que não serve, por exemplo, à reflexão, à análise, incapaz de transcender o imediato. Além disso, é tolhido do indivíduo o processo de imaginação.

Dos postulados de Adorno (1971) e Marcuse (1967), tem-se que a programação oferecida pela televisão não exige esforço de capacidades como raciocínio, concentração e compreensão, uma vez que, como já foi dito, a linguagem é sempre simplificada, tida como a linguagem das massas, mas que, na verdade, representa comportamentos a serem imitados, conceitos e valores a serem assumidos. Linguagem e imagem, nesse contexto, são absorvidas sem contestação. Essa pressa da televisão em conquistar audiência tem levado ao rebaixamento da qualidade das programações, que, em sua maioria, beiram à mediocridade. Como enfatiza Marcondes Filho (1988), a limitação de sua oferta é definida por critérios puramente mercadológicos.

Para verificar como a televisão impacta o pensamento do espectador, principalmente das crianças, foi realizada a análise de um programa televisivo, observando as categorias de análise: mediação social e conceitos, que serão expostas a seguir.

2.1 DELIMITAÇÃO DO PROGRAMA

O programa analisado foi a novela *Carrosel II*, transmitido pela emissora SBT, no horário das 19h50min às 20h30min, no ano de 2012. É uma regravação da novela original de Alberto Santacruz, direção de Marta Luna e co-adaptação de Rosana Curiel Defossé, tendo sido gravada no Brasil. Escrita por Íris Abravanel, com a colaboração de Carlos Marques, Fany Higuera, Grace Iwashita, Gustavo Braga e Marcela Arantes, e a supervisão de texto de Rita Valente. Por ser transmitida no início da noite, a referida novela abarca as crianças que estudam tanto no período da manhã, quanto no período da tarde. O interesse em um programa que alunos, especificamente, do Ensino Fundamental Anos Iniciais assistissem, deve-se ao fato de que, nesta faixa etária, ocorrem alterações significativas no aprendizado e, por conseguinte, no desenvolvimento.

Os escritos de Rubinstein (1973), Smirnov (1969) e Vygotsky (2000) dão conta de que o emprego de conceitos científicos no cotidiano da vida produzem profundas mudanças no seu pensamento, elevando-o a patamares superiores. Normalmente ao ingressarem no Ensino Fundamental, os alunos passam a manter um contato sistemático com tais conceitos. Daí o fato de a investigação se centrar nessas duas séries iniciais, período fértil em termos de formação das funções psíquicas, que se enriquecem com a apreensão do saber científico.

Percebe-se que a televisão está inserida num processo global, de maneira que, mesmo a novela sendo de outro país, exerce influência nas pessoas de diferentes localidades que a assistem, inclusive brasileiros. Tal programa transmite padrões de comportamento, modos de falar e até alguns valores que não pertencem à realidade brasileira. Ao mesmo tempo, propala valores que pertencem a um contexto mundial, comuns a todos os países. Santos (2000) considera que a novela é um produto cultural, é lazer, comércio, arte e também ficção, com muitos pontos de contato com a realidade. A novela deveria ser compreendida à luz das condições históricas e das imbricações com a cultura em que foi concebida. Porém, não é o que ocorre.

Nota-se que a novela, juntamente com a cultura que propala, tornam-se objeto de consumo. É o que atesta a novela *Carrossel II*, vendida para uma grande emissora brasileira. A limitação da oferta dos programas é definida por critérios mercadológicos e, nesse caso, a finalidade do lucro se torna evidente (MARCONDES FILHO, 1988). No que se refere à novela em questão, pode-se constatar que, realmente, a emissora não perde em seu investimento, pois consegue uma boa audiência do público infantil. A vida e o drama da professora Helena, de seus alunos, bem como de todo o corpo docente da escola formam o enredo central da trama. Os pais dos alunos também se envolvem nos problemas e, paralelamente à escola, aparece a vida das famílias no trabalho e em sociedade.

Um fato marcante na novela é o seu poder de sedução, de criação de sonhos e fantasias, além do apelo emocional a que os expectadores estão sujeitos. Adorno, em seu texto *Televisão e Formação*, comenta esse poder da mídia em transformar meias verdades em verdades absolutas. O programa simula problemas e conflitos da vida diária por intermédio do drama. Problemas que são quase sempre mal resolvidos, pois, na dinâmica exibida, a comunicação se torna funcionalizada, destituída de sentido histórico e cultural.

As categorias analisadas foram mediação social, incluindo a linguagem; conceitos; valores e imagens, que foram examinadas cada uma em separado. Este procedimento, qual seja, o de examinar cada categoria em separado, foi adotado por razões didáticas. Na verdade, é praticamente impossível discutir uma categoria sem se referir a outra, posto que há um estreito imbricamento entre elas. Conforme já visto, a mediação e os conceitos, são fatores imprescindíveis e indissolúveis na formação do pensamento.

2.1.1 Mediação Social

O trabalho de análise teve como início a mediação social uma vez que, como postulam Vygotsky (2000) e Luria (1979), a mediação é o fator responsável pelo processo de formação das capacidades psíquicas caracteristicamente humanas. Nesse processo relacional, a linguagem representa a segunda condição imprescindível para a formação da atividade consciente do homem. A linguagem guarda em si e, portanto, permite comunicar a outros, conhecimentos, valores, sentimentos, enfim, o modo de ser e de pensar dos homens de diferentes culturas em épocas distintas. Razão pela qual ela faz a ligação entre o individual e o social, num processo em que ambos se modificam.

Graças à mediação, as possibilidades de desenvolvimento na criança são ampliadas quantitativamente e qualitativamente. De acordo com Gorski (1966), importa, sobretudo, a qualidade da mediação com a qual a criança pode contar nas oportunidades de relação, seja com adultos, com crianças mais velhas ou com objetos.

O papel do professor é fundamental nesse processo. Cabe a ele estabelecer a mediação entre os conteúdos, quer dizer, os saberes e os alunos através da linguagem. “[...] por meio da linguagem, o aluno assimila na escola as mais importantes aquisições da humanidade.[...]” (LURIA, 1979,p.73). Nesse sentido, a mediação que se vê na novela em foco, levada a termo pela professora Helena durante suas aulas, deixa a desejar. O trabalho de ensino da professora, experienciado pelas crianças que assistem ao programa, está longe do que é proposto por Vygotsky (2000) e seus colaboradores.

Por intermédio das falas, observa-se que as intervenções realizadas pela professora pouco ampliam a capacidade para estabelecer relações, para perceber além do imediato. Ao escrever sobre a forma como o saber deve ser transmitido, Vygotsky (2000) insiste na necessidade de o mesmo ser despido do caráter enciclopédico, revestir-se, portanto, de sentido histórico. Há que ser um saber que proponha desafios, que leve o aluno a entender e a refazer conceitos e relações indo além do que poderia adquirir sozinho. Ao contrário, a professora assume uma postura tradicional, observa os alunos de sua mesa, apresenta o conteúdo de modo fragmentado, com definições limitadas, a-históricas, que podem ser encontradas em qualquer dicionário.

Como ressalta Adorno e Horkheimer (1990), a televisão tem pressa para ganhar audiência. Por esse motivo, os diálogos enriquecidos com conhecimento são dispensáveis. A linguagem é simplificada e simplificadora, de fácil decodificação, o que contribui para um rebaixamento da qualidade das programações e do campo perceptivo dos atentos expectadores mirins.

Dos diálogos, depreende-se que os problemas sociais não são aprofundados. É comum, na novela, aparecerem cenas que mostram alunos passando por dificuldades financeiras, mas, nesses casos, sempre são ajudados pelos colegas e suas respectivas famílias. O espectador acaba por confundir o conhecimento que tem dos problemas cotidianos, com o conhecimento necessário para uma atuação consciente sobre os mesmos. É claro que o socorro imediato deve ser estimulado. No entanto, para além disso, é preciso conhecer os problemas sociais, seus fundamentos, suas implicações, para poder pensar e atuar sobre eles. Segundo Maar (1998), a televisão é um instrumento da Indústria Cultural. Ela se vale da passividade que impõe para manipular o espectador. As crianças, ao serem educadas, em grande medida, por essa via, ficam impedidas de compreender a realidade tal como ela é e, por conseguinte, o que ela impede de ser.

As desigualdades entre os homens são mostradas como naturais. É normal que alguns alunos, mesmo estudando na mesma escola, tenham muito mais que outros. Almeida (2000) observa que as imagens e a linguagem transmitidas pela televisão oferecem aos homens uma impressão falsa do que seja a vida real. As discrepâncias sociais são amenizadas e absorvidas, predominando a harmonização. As pessoas acabam não se dando conta do que realmente acontece, acomodando-se ao continuísmo e à repetição do presente. Marcuse (1997) destaca a pouca capacidade de reflexão e de entendimento que os homens dispõem sobre a sociedade. E, cenas como esta corroboram para a manutenção da incapacidade. É um exemplo de uma situação que não ocorre na vida diária. O sistema de saúde pública é bastante precário e, fora dele, as pessoas de baixa renda não conseguem atendimento.

2.1.2 Conceitos

Especialmente dos escritos de Vygotsky (2000), depreende-se que o conceito representa a transformação do pensamento prático em pensamento teórico. O conceito é o elo entre o pensamento e a palavra. Rubinstein (1973), em concordância com as idéias de Vygotsky (2000), afirma que o conceito é o conteúdo específico do pensamento e não a palavra. A palavra é a forma como o conceito se organiza e se expressa. No conceito, estão contidas a abstração e as imagens do objeto. Quando alguém pensa num relógio, imediatamente lhe vem à mente a imagem de um relógio de acordo com suas experiências: relógio pequeno, grande, digital, de pulso, despertador, dentre outros. A imagem se converte num veículo portador do pensamento, refletindo o real internalizado.

Smirnov (1969) reforça esses postulados explicando que ambos, conceito e imagem, refletem diferentes aspectos da realidade. Saber um conceito implica dispor de um conjunto de conhecimentos sobre os objetos e/ou situações a que este conceito se refere. A representação do conceito é a imagem que se forma na consciência individual, enquanto sua transmissão se dá pela palavra, pela linguagem. O conceito é produto das relações sociais, logo, se modifica juntamente com tais relações.

É nesse sentido que serão examinados os conceitos fortemente veiculados pela programação em pauta. Junto com os conceitos, também as imagens projetadas merecem atenção, pois encontram-se no cotidiano da criança brasileira. São imagens que imitam a vida, mostrando uma realidade muitas vezes falsa de difícil percepção. De acordo com Naujourks (1998), como já foi dito antes, elas passam tão rapidamente que o indivíduo acaba não percebendo seus detalhes. Este fato contribui para um desenvolvimento estreito das capacidades psíquicas. A atenção e a memória se fixam apenas no que é mais importante para o momento.

Dentre os conceitos mais proximamente influenciados pela programação, sem dúvida, está o de escola. Toda criança que estuda no Ensino Fundamental tem um conceito próprio de escola, a depender do ambiente em que vive, das pessoas com as quais se relaciona. Na novela, o conceito de escola é influenciado, sobretudo, por imagens exibidas. A escola é mostrada como um lugar limpo, agradável, com um pátio colorido, com brinquedos e móveis agradáveis. O prédio lembra uma arquitetura moderna, mas o ambiente em sala de aula dá ideia de uma escola tradicional. As carteiras são agrupadas em filas e estão sempre na mesma posição, e os alunos sentam-se nos mesmos lugares diariamente.

A função educativa, que poderia ser utilizada para ampliar o conhecimento dos espectadores, é deixada de lado. A escola se torna cenário para as tramas da novela, para as peraltices dos alunos, o modo como a professora ensina, a postura da diretora, evidentemente em alguns aspectos, se assemelham às escolas brasileiras, mas está longe de ser um retrato das mesmas. De outro lado, a novela também não projeta uma escola que possa ser tomada, principalmente pelas crianças que a assistem, como parâmetro de formação. Como se pode perceber, o conceito de escola propalado em nada contribui para potencializar o desenvolvimento do pensamento.

No âmbito da programação já identificada, também o conceito de professora merece ser discutido. A imagem da professora regente é de uma pessoa boa e angelical. Suas roupas seguem um padrão de tons claros e seus cabelos são penteados como se

fossem de uma criança, com presilhas coloridas e outros acessórios. A professora sempre se envolve com os problemas extra-classe dos alunos. Entretanto, as orientações dadas, as soluções sugeridas não se distinguem por raciocínios bem mais elaborados do que os dos alunos.

Os dois modelos de professor que a novela passa aos telespectadores são estereotipados. O primeiro é o de uma professora que agrada à maioria dos alunos. Não se impõe na sua condição de mestra, leva na brincadeira as conversas dos alunos, é cúmplice dos erros deles, ignora muitas situações-problema e, o que é pior, deixa a desejar no que diz respeito ao ensino dos conteúdos escolares. O segundo exemplo, do ponto de vista do comportamento e do profissionalismo, é o outro extremo. Mostra-se uma professora descontrolada, que, mesmo a beira de um ataque de nervos, continua ministrando aulas. Em resumo os modelos apresentados não são parâmetros de conduta e competência a serem interiorizados e seguidos pelas crianças que assistem à programação.

No que se refere ao conceito de aluno veiculado, em alguns aspectos – particularmente na questão da disciplina –, assemelha-se à realidade brasileira. Os alunos aparecem sempre uniformizados. Apesar de ser uma escola que se orienta pelo método tradicional, eles tem sempre espaço para fazer bagunça e traquinagem. Levam brinquedos para a escola, como no capítulo do dia 21 de maio de 2012 – onde a aluna Marcelina está com uma boneca e o aluno Daí com um videogame no pátio, e o aluno Paulo leva uma rã e coloca no piano da professora de Música.

O programa em pauta tem outro sério inconveniente à formação do pensamento: ele alimenta o preconceito. Alguns conceitos elaborados e mantidos sob o prisma da Indústria Cultural contribuem para a obstrução da verdade pela sua realização aparente. As causas dos fracassos ou conquistas pessoais são mostradas como independentes das relações histórico-sociais, recaindo no plano pessoal. Nessa perspectiva, a cor, a condição social, a aparência física é que vão dizer quem a pessoa é ou será no futuro. Nesse sentido, algumas formas sociais se impõem como absolutas, eternizam-se e, nessa medida, impedem o modo de ser que está dado em potencial.

Com o desenvolvimento industrial, a padronização dos produtos é transposta para a sociedade. Nela, brancos, negros, judeus, cristãos, homens e mulheres são enquadrados em formas, modelos que, mesmo sendo historicamente construídos, portanto, mesmo sofrendo transformações, definem medidas e padrões a serem introjetados e seguidos. A sociedade industrial não comporta o diferente. Essa normatização dos sentimentos,

hábitos, valores, nada mais é do que um instrumento de coesão social, onde o diferente é excluído em prol do sempre igual.

A professora também trabalha com conceitos em suas aulas, porém não na perspectiva assinalada por Vygotsky (1987). A professora poderia oferecer elementos teóricos para que os alunos reorganizem os conceitos de que dispõem e, ao mesmo tempo, apreendam outros novos, chegando a níveis mais elaborados de abstração, os conceitos são transmitidos de forma mecânica, naturalizada. O conceito, assim concebido, pode ser encontrado em dicionários, não precisa de um professor para ensiná-lo.

O conceito é transmitido oralmente, de maneira pronta e acabada. Não há história, não há vida social por trás dele. Dos estudos sistematizados por Vygotsky (1987), obtém-se que o aprendizado do conceito científico implica em entendimento de relações, de necessidades sociais que desencadearam a construção do conhecimento implícito no conceito. E mais, como se trata de uma construção social, o conceito se modifica juntamente com as necessidades sócio-culturais. Logo, não pode ser ensinado como tendo um caráter universal, como algo que se mantém a despeito das transformações que ocorrem no modo de viver e de ser.

O conceito, ao se elevar à categoria de conhecimento científico, possibilita ao indivíduo um entendimento mais profundo da própria história de vida social dos homens. Quando o pensamento alcança o abstrato, não se separa do concreto, volta invariavelmente à base objetiva, podendo vê-la de uma outra perspectiva. Valendo-se da palavra, o pensamento induz, deduz, enfim, transpõe o nível do particular, formando noções mais gerais, conceitos, juízos e valores, donde se pode inferir a importância do conteúdo lingüístico a que a criança é exposta.

A internalização compreensiva dos conceitos científicos é de uma importância singular para o desenvolvimento do pensamento infantil. Ela permite ao aluno separar o pré-conceito dos verdadeiros conceitos. O conhecimento teórico subsidia a análise dos conceitos, possibilitando a tomada de consciência e normas de operações e relações. A análise dos conceitos “[...] imprime um novo caráter a toda a actividade mental” (RUBINSTEIN, 1973, p. 239).

Na novela *Carrossel II*, os diálogos e imagens que poderiam favorecer a ampliação e o aprofundamento do pensamento, permitindo ao indivíduo refletir sobre as relações sociais, suas leis, costumes, etc., são descartados do enredo. Por essa via, o indivíduo fica impedido de estabelecer abstrações e generalizações com sentido. Seu conhecimento de mundo, bem como as relações que mantém tornam-se limitados. Assim, a novela

contribui para a banalização das experiências sociais, na medida que o sujeito é desestimulado a buscar ou sentir experiências mais profundas e significativas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo não teve a pretensão de abarcar todos os aspectos do programa, mesmo porque o material pesquisado é muito rico, com inúmeros outros pontos que podem ser examinados. Por razões teóricas, optou-se por centrar a análise nos fatores que servem, diretamente, à formação do pensamento. Com a análise da novela *Carrossel II*, buscou-se apreender o impacto desse recurso dos meios de comunicação na formação do pensamento. Consta-se que a influência do conteúdo propalado, por meio da linguagem e das imagens, é expressiva e se dá nos termos do status quo vigente. Mediante essa constatação, é preciso voltar as atenções à educação escolar, já que, nesse âmbito, se pode demonstrar e, então, contra-argumentar a semiformação.

Em síntese, o potencial formativo da programação, no que diz respeito às categorias analisadas, é praticamente nulo. Em especial, as crianças estão submetidas a uma atividade diária que fala no sentido contrário ao desenvolvimento a ser perseguido pela educação escolar. As cenas e os diálogos descartam o exercício da reflexão, capaz de promover o pensamento. Ainda que o intuito da novela fosse o de apenas entreter, passar o tempo, o fato é que ela participa de perto na formação de conceitos, valores e padrões de comportamento que levam, tão somente, à adaptação do sujeito ao que está dado.

O trabalho de decodificação dessa realidade não é uma tarefa fácil, todavia ao ser feito pela educação, pode possibilitar avanços cognitivos ao indivíduo, à medida que orienta seu pensamento no trabalho de análise de relações e fatos sociais que antes passavam despercebidos. Como postula Vygotsky (2000), a escola é o local onde se oportuniza a transmissão do conhecimento produzido historicamente pelos homens, propiciando a reelaboração do mesmo no plano individual, permitindo, assim, que o pensamento se eleve a patamares superiores.

Conhecendo a sociedade atual e as condições de mediação que nela dominam, o professor poderá fazer de seu trabalho um momento privilegiado para a educação, promovendo questionamentos e reflexões que normalmente ficam a desejar nos programas de televisão e na sociedade em geral. Com essa preocupação, a análise aqui efetuada põe em pauta o conteúdo veiculado pela programação televisionada, delimitada pela pesquisa de campo. Discute, pois, a matéria-prima na constituição do pensamento.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Televisão, consciência e Indústria Cultural. In: COHN, G. (Org.). Comunicação e Indústria Cultural. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP, 1971. p. 346-354.

ADORNO, T. W. A indústria cultural: O iluminismo como mistificação das massas. In: LIMA, C.L. Teoria da Cultura de massa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 159-206.

GORSKI, D. P. Pensamiento y lenguaje. México, D.F.: Grijalbo S/A, 1966.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Textos escolhidos. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores).

LEONTIEV, Aléxis. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.

LURIA, A. R. Curso de psicologia geral. V. I, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1979.

_____. Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MAAR, W. L. A formação em questão: Lukács, Marcuse e Adorno. A gênese da Indústria Cultural. In: ZUIN, A. A. S. (Org.). A educação danificada: contribuições à Teoria Crítica da Educação. 2. ed. São Carlos: Vozes, 1998. p. 45-87.

MARCONDES FILHO, C. Televisão: a vida pelo vídeo. São Paulo: Moderna, 1988.

MARCUSE, H. A ideologia da sociedade industrial. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

_____. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. In: Praga – Revista de Estudos Marxistas. São Paulo: Bontempo, n. 1, 1997. p. 113-140.

NAUJORKS, M. I. Mídia e deficiência: uma reflexão preliminar sobre o potencial educativo na TV. Cadernos de Educação Especial. V. I, p. 5-9, 1998.

RUBINSTEIN, S. L. Princípios de psicologia geral. Lisboa: Estampa, 1973.

SANTOS, E. R. Para reler os quadrinhos Disney: linguagem, evolução e análise de HQS. São Paulo: Paulinas, 2000.

SISTEMA BRASILEIRO DE TELEVISÃO. Carrossel II. Disponível em: www.sbt.com.br acesso em: 20set2003.

SMIRNOV, A. A. et al. Psicologia. México, D.F.; Grijalbo S/A, 1969.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1988. p.103-117

_____. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2000.